

O debate teológico no século XX e o ingresso da psicologia no contexto formativo

di Vagner Sanagiotto

RESUMO: Este artigo é dedicado à compreensão de um dos debates teológicos do século XX, o ingresso da psicologia no contexto formativo. O que hoje nos parece uma relação natural possui uma história marcada pela diversidade de ideias e posicionamentos. Começaremos com uma breve incursão histórica sobre a relação entre psicologia e teologia; depois analisaremos o decreto conciliar *Optatam Totius* – primeiro documento do Magistério que indica o uso da psicologia na formação – a fim de entender como o ambiente teológico formativo se organizou para acolher a nova disciplina. Com isso, hipotizamos que a psicologia que entrou no contexto formativo possui uma epistemologia, um contexto histórico-cultural, um modelo antropológico e um modo de ser usada. O objetivo principal desse “aggiornamento” formativo foi possibilitar aos vocacionados um permanente crescimento humano e espiritual.

Palavras chaves: debate teológico; Psicologia; formação; Concílio Vaticano II; *Optatam Totius*.

ABSTRACT: This article is dedicated to understanding one of the theological debates of the twentieth century, the entrance of psychology in the formative context. What today seems to us to be a natural relationship, has a history marked by a diversity of ideas and positions. We begin with a brief historical foray into the relationship between psychology and theology; then we will analyse the conciliar decree *Optatam Totius* - the first conciliar document to indicate the use of psychology in formation - in order to understand how the formative theological environment was organized to accommodate the new discipline. Thus we hypothesize that the psychology that entered the into formative context has an epistemology, a historical-cultural context, an anthropological model and a way of being used. The main objective of this formative development was to promote a permanent human and spiritual growth in those being formed.

Keywords: theological debate; Psychology; formation; Vatican Council II; *Optatam Totius*.

1 – Introdução

Nos últimos anos, a psicologia e a teologia estabeleceram um relacionamento delicado, mas fecundo. No amplo debate que se desenvolveu sobre essa temática, encontramos a vocação religiosa e sacerdotal como um ponto de convergência. A literatura sobre esse assunto é vasta, mas é difícil identificar linhas de pensamento bem definidas. Por esse



motivo, a pesquisa sobre a relação entre psicologia e teologia permanece um tanto fragmentária.

O objetivo deste artigo é dar uma visão geral de como, ao longo do século passado, a psicologia foi gradualmente aceita na formação dos padres e religiosos. Foi necessária uma reflexão longa e controversa que, partindo de uma recusa inicial (devido à novidade da disciplina psicológica), levou lentamente à sua integração no contexto formativo; somente nos anos seguintes ao Concílio Vaticano II - em particular o decreto conciliar *Optatum Totius* - a psicologia foi aceita oficialmente pelo Magistério eclesial como um instrumento que pode colaborar com o processo formativo.

2 - Psicologia e formação: as intervenções magisteriais

A relação entre psicologia e formação deve ser incluída na temática mais ampla inerente à relação entre psicologia e teologia. Essas disciplinas possuem pontos de convergência, mas também muitos pontos de desencontro. O desenvolvimento de uma disciplina moderna como a psicologia fez com que muitos religiosos e padres tentassem aplicá-la no campo da formação, gerando, dessa forma, uma nova compreensão do caminho formativo, no qual foram feitos muitos avanços, mas também houve muitos abusos. Procuremos entender!

Quando se começou a estudar a formação à luz da psicologia, a psicanálise predominava no Ocidente. A história da relação entre teologia e psicanálise é um exemplo de como o pensamento católico sobrepôs inicialmente essas duas disciplinas. O debate teológico não se limitou ao nível teórico – se havia ou não a possibilidade de integrar as duas disciplinas –, mas entrou na prática, ou seja, perguntava-se se era permitido para um católico recorrer à terapia de orientação psicanalítica.

A primeira pergunta feita pelos pesquisadores católicos à psicanálise era de ordem epistemológica: como essa teoria poderia ser entendida? É uma nova ciência ou uma filosofia? Como lidar com o ateísmo de Freud? O cardeal Charles Journet¹ dedicou-se a esse argumento. A sua descrição do movimento psicanalítico parte da pressuposta exclusão do transcendente feita pela interpretação biológica dos fenômenos; depois o autor introduz uma explicação sobre o inconsciente e, finalmente, critica o valor absoluto da libido denominada por ele de pansexualismo. O artigo conclui com uma crítica à transição da sistematização filosófica para a hipótese científica psicanalítica. Podemos dizer que a leitura adotada por C. Journet foi uma atitude crítica à psicanálise em detrimento do pensamento teológico.

A dúvida que os teólogos tinham sobre a epistemologia psicanalítica foi resolvida – pelo menos em parte – com a pesquisa de Roland Dalbiez², que propôs a distinção entre o válido método científico da psicanálise e a doutrina filosófica de Freud, que não era aceitável. Essa posição teórica é importante porque tornou possível uso da psicanálise no contexto religioso sem que a teoria freudiana fosse aceita em sua totalidade.

Os dois autores acima citados ajudam-nos a compreender como o Magistério eclesial acolheu a psicologia, mas também como essa se adaptou ao contexto religioso para poder ser usada como método. Porém, quando falamos de formação, nos interessa entender a posição do Magistério eclesiástico, porque é daí que vêm as indicações de como proceder no contexto formativo nas casas de formação.

No pontificado de Pio XI (de 1922 a 1939), não houve uma posição oficial sobre a nova disciplina chamada psicanálise. Só podemos ler algumas referências contrárias à “ciência

¹ C. JOURNET, *Les voies nouvelles en psychologie religieuse*, in «Rev. Jeunes» (1920) 25, 125–154.

² R. DALBIEZ, *O método psicanalítico e a doutrina de Freud. Exposição*, vol. 1, Rio de Janeiro, Livraria Agir, 1947.



profana” quando o argumento se referia ao discernimento como objeto de pesquisa da psicologia³. Os primeiros debates ocorreram nas revistas católicas em que encontramos as primeiras publicações importantes sobre psicanálise. Referimo-nos acima de tudo à revista *La Civiltà Cattolica*, que publicou em vários números os artigos *La psyanalysis*, de Francesco Gaetani⁴; à revista *Études Carmélitaines*, com publicações sobre mística e espiritualidade à luz da psicologia⁵; à revista *Le Supplément*, com publicações no campo da moral e da formação sacerdotal e religiosa; e finalmente aos vários *congressos e conferências*⁶ que procuraram desenvolver a relação de convergência entre teologia e psicologia.

Uma participação significativa do Magistério da Igreja ocorre no pontificado de Pio XII (de 1939 a 1958), que foi o primeiro Papa a se referir à psicologia moderna. Esse período histórico é marcado, por um lado, pelo confronto epistêmico teórico; por outro, pela pesquisa que buscava integrar os elementos teológicos com a disciplina psicanalítica. O Papa Pio XII teve importância singular em acalmar posições extremas, mas também em posicionar a Igreja diante da nova psicologia.

Há quatro discursos oficiais que valem a pena mencionar. O primeiro foi pronunciado no ano de 1952, falando aos participantes do *Primo Congresso Internazionale di Istopatologia del Sistema Nervoso*⁷. Em seu discurso, o Papa Pio XII afirmou que as teorias apresentadas pela psicanálise deveriam considerar alguns pontos essenciais para a vida moral. O foco voltado para a sexualidade criou um discurso de “*pansessualità*”, o que não significava necessariamente que essa era a orientação de todos os psicólogos.

O segundo discurso ocorreu em 1953, por ocasião do *Congresso cattolico internazionale di psicoterapia e psicologia clinica*. O Papa Pio XII proferiu o discurso intitulado *L'alto insegnamento ai congressisti di psicoterapia e di psicologia clinica*⁸, em que ele tentou esboçar uma psicologia que pudesse ser definida como cristã. Esse intervento desenvolveu-se em quatro pontos: 1) o homem como unidade psíquica; 2) o homem como uma unidade estruturada; 3) o homem como unidade social; 4) o homem como unidade transcendente. Descreve três pontos que devem ser considerados na relação entre a psique e a experiência religiosa: a) o homem tem um dinamismo que o impele para o infinito; b) esse misterioso dinamismo não é resultado de uma disfunção psíquica, visto que a “psicologia do profundo” colhe o conteúdo religioso e o analisa à luz da cientificidade; c) a orientação da psique para com Deus.

O terceiro discurso foi pronunciado no ano de 1958 aos participantes do *XII Congresso internazionale di psicologia applicata*⁹. Nesse, Pio XII identificou em três pontos a convergência entre o aspecto ético-religioso e a personalidade do homem: a) definição da

³ PIO XI, *Divini illius magistri: sobre a educação cristã da juventude*, Petrópolis, Vozes, 1950, n. 48.

⁴ F. M. GAETANI, *La psicanalisi*, in «Civiltà Cattolica» 75 (1924) 4, 499–516; 76 (1925) 1, 32–43; 76 (1925) 1, 205–218; 76 (1925) 2, 118–129; 76 (1925) 2, 395–408; 76 (1925) 3, 204–219.

⁵ B. JÉSUS-MARIE, *Journée de psychologie religieuse (17-19 avril 1936)*, in «Études Carmélitaines» II (1936) 20, 19–21.

⁶ Os *Congressos Católicos Internacionais de Psicoterapia e Psicologia Clínica*, fundados em 1949, contribuíram para a crescente internacionalização dos debates pós-guerra. Particularmente importante foi o congresso de 1953, realizado em Roma (In: L'OSSERVATORE ROMANO, *Il quinto congresso internazionale di psicoterapia e di psicologia clinica al Palazzo della Cancelleria*, in «Oss. Romano» (13 aprile 1953), Roma.)

⁷ PIO XII, *Discorso ai partecipanti al Congresso Internazionale di istopatologia del sistema nervoso - I limiti morali dei metodi medici di indagine e di cura*, in *Discorsi e radiomessaggi di Sua Santità Pio XII*, vol. XIV, Città del Vaticano, Tipografia Poliglotta Vaticana, 1952, 319–330.

⁸ PIO XII, *L'alto insegnamento ai congressisti di psicoterapia e di psicologia clinica*, in *Discorsi e radiomessaggi di Sua Santità Pio XII*, vol. XV, Città del Vaticano, Tipografia Poliglotta Vaticana, 1953, 67–76.

⁹ PIO XII, *Discorso di Sua Santità Pio XII ai partecipante nel XII congresso internazionale di psicologia applicata*, in *Discorsi e radiomessaggi di Sua Santità Pio XII*, vol. XX, Città del Vaticano, Tipografia Poliglotta Vaticana, 1958, 65–82.



personalidade humana a partir do ponto de vista psicológico e moral; b) obrigação moral do psicólogo em relação à personalidade do homem; c) princípio moral fundamental relativo à personalidade do homem na psicologia.

No quarto discurso, pronunciado no ano de 1958 aos participantes do *X Congresso nazionale della Società italiana di chirurgia plastica*¹⁰, Pio XII enfatizou a necessidade de diálogo entre as duas disciplinas (psicologia e religião) e fez referência à psicologia junguiana como um modelo epistemológico do qual a Igreja poderia se aproximar.

Das intervenções de Pio XII emergem três conceitos importantes relacionados à psicologia/psicanálise, os quais encontraram importância nos seus discursos: o primeiro admite pela primeira vez em um documento pontifício que podemos falar sobre Religião em termos dinâmicos e de afetividade¹¹; o segundo refere-se ao modo moral que se contrapõe à psicanálise, especificamente o chamado “*método pansexual*”¹²; o terceiro traçou um modelo epistemológico que estivesse de acordo com a experiência da fé, da qual listamos dois: a) a “psicologia do profundo”, em que o pontífice buscou reconstruir a hierarquia das funções psicológicas, especialmente a dimensão espiritual da homem que o empurra para o infinito; b) a proximidade do Magistério eclesial à psicologia existencial.

Os discursos de Pio XII tentaram conciliar psicologia e teologia à luz da teologia moral. Essa é uma temática transversal nos discursos do pontífice visando a criar uma psicologia que fosse cristã, ou ao menos buscou orientar os cristãos que eram de alguma maneira envolvidos com a disciplina psicológica. No entanto, no amplo contexto histórico da relação entre psicologia e teologia, a principal contribuição do discurso de Pio XII é estabelecer diálogo e confronto, uma vez que não há necessidade de temer conflitos, e as duas disciplinas podem continuar sua marcha dentro de seu próprio campo de ação e de acordo com os princípios de sua ciência. A psicologia, quando esquece essa relação, também é exposta a mal-entendidos e a erros.

Além da controvérsia entre psicanálise e teologia, a reflexão foi feita na perspectiva dinâmica da influência dos autores do debate (teólogos e psicólogos científicos) com os posicionamentos da Santa Sé. Essa perspectiva destaca os laços decisivos que unem o discurso teológico e o Magistério da Igreja, mas também a polêmica com aqueles que desejavam mudar, à luz da psicologia, a compreensão da antropologia tradicional. Mais do que isolar o problema, parece-nos fundamental sublinhar a complexidade do debate que reflete na prática formativa dos padres e dos religiosos. Agora, buscaremos entender como a psicologia entrou no contexto formativo, principalmente durante o Concílio Vaticano II, onde ela vai da proibição à integração.

3 - Da ação do Santo Ofício ao Concílio Vaticano II

Enquanto Pio XII fazia um discurso de conciliação, o Santo Ofício agiu de maneira a alinhar-se ao Papa. O princípio da autonomia da ciência foi aplicado à psicanálise. Os livros de Freud, por exemplo, não foram incluídos no *Index* dos livros proibidos. Segundo a pesquisa de A. Desmazières, a atividade da Congregação do Santo Ofício visava, em

¹⁰ PIO XII, *Discurso di Sua Santità Pio XII ai partecipanti al X congresso nazionale della società italiana di chirurgia plastica*, in *Discorsi e radiomessaggi di Sua Santità Pio XII*, vol. XX, Città del Vaticano, Tipografia Poliglotta Vaticana, 1958, 415–427.

¹¹ L. BEIRNAERT, *L'attitude chrétienne en psychothérapie: les discours du Saint-Père aux psychothérapeutes catholiques*, in «*Études*» 277 (1953), 356–364.

¹² L'OSSERVATORE ROMANO, *A proposito di psicoanalisi*, in «*Oss. Romano*» (21 settembre 1952), anno XCII, n. 222, Roma.



particular, os difusores da teoria psicanalítica oriundos do contexto católico, sobretudo no que se refere à sexualidade¹³.

As preocupações do Santo Ofício endereçaram-se sobretudo à interpretação do celibato e à influência da teoria psicanalítica na formação sacerdotal; portanto, foi proibido ao sacerdote Marc Oraison aplicar, juntamente com a psicoterapeuta Anna Terruwe, a teoria psicanalítica em seminários na Holanda¹⁴. O livro de M. Oraison foi colocado no *Index* dos livros proibidos¹⁵. No ano seguinte, a Congregação do Santo Ofício colocou no *Index* três outros livros do psicanalista francês Angelo Hesnard (responsável pelo ingresso da psicanálise na França) com o objetivo de conter a chamada libertação sexual¹⁶. Podemos concluir que a ação do Santo Ofício foi de evitar as interpretações psicanalíticas sobre a sexualidade na esfera católica, especialmente no âmbito formativo em geral.

A situação mudou no pontificado de João XXIII (de 1958 a 1963) com a convocação do Concílio Vaticano II. Na preparação do Concílio, as diversas realidades eclesiais foram ouvidas sobre o que seria importante debater no contexto conciliar. As respostas são um raio-X das principais preocupações da Igreja no mundo. A psicanálise ocupa um espaço menor, mas significativo e oportuno. As terminologias usadas se referem à psicanálise posta em questão pelo papa Pio XII, ou seja, a *psicologia do profundo* e a *psicoterapia* em geral. O conceito de psicologia aparece nos mesmos termos da psicanálise. A partir das respostas, podemos identificar dois grupos importantes de serem mencionados:

- 1) *o primeiro se insere na tradição intransigente*: fazem uma lista de erros da psicanálise que deveriam ser condenados. Mencionamos a intervenção do arcebispo Primus Principi¹⁷, que propõe uma nova *Syllabus* que condene, entre os temas, a “moralidade situacional” e a “aberração doutrinária da psicanálise”; o bispo brasileiro Antônio Barbosa¹⁸ propôs combater a “moral sem noção do pecado”, a “ética situacional”, e o “pansexualismo da psicanálise”;
- 2) *o segundo focaliza na crítica da psicanálise e na difusão do pensamento pontifício nas novas ciências médicas*. Citamos Albino Luciani¹⁹, o futuro Papa João Paulo I, propõe reprovação, entre os vários pontos, à “capacidade individualista e subjetiva livre das forças inferiores obscuras [da psicanálise]”.

A preparação para o Concílio Vaticano II parece ser uma oportunidade para uma condenação da psicanálise que sempre foi desejada pela linha conservadora na Igreja. O Santo Ofício examinou a psicanálise no contexto da responsabilidade moral. No quinto capítulo das propostas ao Concílio Vaticano II, que tinha como subtítulo *Quaestiones praecipuae actuales*, lemos que “o problema é examinado sob o aspecto doutrinário e prático. A liberdade e a possibilidade de superar com a ajuda divina, que é evidente para

¹³ A. DESMAZIÈRES, *La psychanalyse entre médiatisation et censure. La morale sexuelle de Marc Oraison en procès (1955-1966)*, in «Arch. Sci. Soc. Relig.» (2013) 163, 123–142.

¹⁴ *Quaedam admonitiones ad theoriam et praxim spectantes psychoneurosi laborantium*, in «Analecta Van Het Aartsbisdom» 29 (1956), 166–167.

¹⁵ SACRA CONGREGATIO S. OFFICII, *Drecretum proscripto libri*, in «AAS 47» XXII (1955) 1, 46.

¹⁶ SACRA CONGREGATIO S. OFFICII, *Monitum*, in «AAS 48» XXIII (1956) 2, 95.

¹⁷ P. PRINCIPI, *Acta et documenta Concilio oecumenico Vaticano II apparando*, in *Consilia et vota episcoporum ac praelatorum*, vol. II, pars III, Città del Vaticano, Typis Polyglottis Vaticanis, 1960, 752–758.

¹⁸ A. BARBOSA, *Consilia et vota episcoporum ac praelatorum*, in *Acta et documenta Concilio oecumenico Vaticano II*, vol. II, pars VII, Città del Vaticano, Typis Polyglottis Vaticanis, 1961, 150–155.

¹⁹ A. LUCIANI, *Consilia et vota episcoporum ac praelatorum*, in *Acta et documenta concilio oecumenico Vaticano II apparando*, vol. II, pars III, Città del Vaticano, Typis Polyglottis Vaticanis, 1960, 747–748.



todos, as inclinações perversas da natureza, principalmente as sexuais”²⁰. De maneira intransigente, o voto da *Universidade Antonianum* propôs “parecer necessário advertir contra erros pastorais, nos quais algumas pessoas enfatizam que todos os padres estão simplesmente em perigo e correm o risco de perder a alma se não conhecem algumas partes do seu passado, se não conhecem a teoria e as práticas psicanalíticas e não cooperarem com os psicanalistas”²¹.

Não foi diferente no Sínodo do Clero Romano em 1961. Sem a participação dos leigos, o Sínodo se concentrou nos problemas do Clero Romano. A atenção foi direcionada a uma série de práticas contrárias à religião: espiritismo, a maçonaria (...) e psicanálise, isto é, “(...) ninguém pode se submeter incondicional e indiscriminadamente àqueles que usam tratamento psicanalítico ou confiar naqueles médicos que fornecem aos doentes coisas proibidas pelos preceitos católicos”²². Podemos afirmar sem dúvida que as bases para uma condenação da psicanálise foram semeadas neste contexto.

Com um *Monitum*, o Santo Ofício decidiu proibir o clero e os religiosos de recorrer à psicanálise, rejeitando o argumento de que era necessário para a formação: “é de condenar a opinião daqueles que afirmam que psicanálise é necessária para os candidatos às Ordens Sagradas, ou que aos referidos exames e investigações psicanalíticas devem se submeter os candidatos ao sacerdócio e à profissão religiosa. Isso também se aplica à questão de explorar a atitude necessária para o sacerdócio ou a profissão religiosa. Da mesma forma, os padres e os religiosos de ambos os sexos não se dirigem (não vão) aos psicanalistas se o seu superior não permitir ou por graves motivos”²³.

É nesse contexto histórico que a psicologia entra como proposta para ser implementada na formação sacerdotal e religiosa. Procuremos entender como se desenvolveu esse processo.

4 – O ingresso da psicologia no contexto formativo

A aceitação da psicologia na formação para a vida religiosa e sacerdotal se impôs lentamente ao longo do século passado: tratava-se de aceitar uma nova disciplina que levava adiante uma compreensão diferente do ser humano. Nessa perspectiva, a relação entre a ciência da psique e o Magistério da Igreja foi construída através de várias formas de proteção intelectual do conhecimento teológico, mas também às vezes ameaçando sanções à psicologia como uma nova disciplina²⁴.

O uso da psicologia/psicanálise no contexto formativo é anterior ao Concílio Vaticano II, como teoria através de publicações que se tornaram cada vez mais numerosas, ou prática onde os psicólogos ocupavam cada vez mais espaço no contexto formativo. No entanto, essa relação era frágil e sofria de insegurança teórica, metodologias e de legitimidade perante o Magistério eclesiástico. Mencionamos apenas algumas experiências práticas da psicologia no contexto formativo: o discernimento vocacional como objeto de pesquisa em

²⁰ SACRA CONGREGATIO SANCTI OFFICII, *Proposita et monita SS. Congregationum Curiae Romanae*, in *Acta et documenta Concilio oecumenico Vaticano II*, vol. III, Città del Vaticano, Typis Polyglottis Vaticanis, 1960, 3–17: 15.

²¹ PONTIFICIUM ATHENAEUM ANTONIANUM, *Studia et vota universitatum et facultatum ecclesiasticarum et catholicarum*, in *Acta et documenta Concilio oecumenico Vaticano II apparando*, vol. IV, pars I, Città del Vaticano, Typis Polyglottis Vaticanis, 1961, 51–109: 83.

²² PRIMA ROMANA SYNODUS, *De ecclesiastico magisterio - pars prima, De magistero deque eiusdem formis praecipuis - sectio prima, De magisterio generatim - titulus primus*, in *Prima Romana Synodus A.D. MDCCCCLX*, Città del Vaticano, Typis Polyglottis Vaticanis, 1961, 101–109: 107, n. 239.

²³ SACRA CONGREGATIO S. OFFICII, *Monitum*, in «AAS 53» III (1961) 10–11, 571.

²⁴ P. FELICI, *La psicoanalisi*, in «Boll. Clero Romano» (1952), XXXIII, fasc. 4, Roma.



psicologia²⁵; a experiência formativa do mosteiro beneditino de Cuernavaca, onde toda a comunidade foi submetida à análise da orientação psicanalítica²⁶; a associação médica psicológica para ajudar o clero em dificuldade (AMAR)²⁷ etc.

O ingresso da psicologia no contexto formativo marca uma transição que foi da negação do uso da psicanálise – através do *Monitum* no ano de 1961 – à integração da psicologia já no primeiro esquema do decreto *Optatam Totius* no ano de 1962. Sem dúvida podemos dizer que a psicanálise permaneceu no centro do conflito com o pensamento católico em que se usava a teologia moral como contra argumentação. Como ilustração do que dizemos, citemos o esboço elaborado no Concílio Vaticano II sobre o celibato sacerdotal *Disceptatio - De sacerdotibus lapsis*²⁸, que nos oferece uma radiografia dos principais problemas do *curpus* eclesiástico, mas também onde o termo psicologia (*psychico, psychopathia, psychoses, psychologis*) aparece com frequência. Esse esquema tornou-se, nos anos seguintes ao Concílio Vaticano II, a Encíclica *Sacerdotalis Caelibatus*²⁹.

De fato, o assunto tornou-se de importância primordial, tanto que João XXIII encarregou à *Commissione preparatoria del Concilio Vaticano II* que refletisse profundamente sobre o assunto. Além da discussão sobre a constituição epistemológica da psicanálise, havia uma preocupação com o celibato sacerdotal, devido ao aumento nos casos de abandono do sacerdócio e à infelicidade dos padres³⁰. A comissão, depois de ponderar sobre o assunto, concluiu que não tinha resposta para as perguntas propostas pelo pontífice. Foram consultados – sob segredo – psicólogos e psiquiatras que participavam do *Congresso internazionale di psicoterapia e di psicologia clinica*³¹. A resposta foi trazida por Roberto Zavalloni: “de acordo com a opinião dos psicólogos e psiquiatras consultados, deve-se notar também que os estados de ansiedade e depressão, nos quais se encontram os sujeitos em questão, trazem sérios prejuízos à vida cristã e a saúde eterna”³².

A opção de integrar a psicologia no âmbito formativo representa uma transição epistêmica. A sobreposição entre psicologia e psicanálise permaneceu, no entanto, com mais clareza metodológica e doutrinária sobre o que é psicanálise e uma descoberta do potencial da psicologia. No Concílio Vaticano II, a reflexão sobre o uso da psicologia/psicanálise adquire traços diferentes. Devido à tensão argumentativa, o ingresso da psicologia no contexto formativo marca uma posição epistemológica da Igreja sobre psicanálise, ou seja, de qual psicologia se fala, em quais condições a psicologia pode ser usada, as modalidades de intervenção, e as características solicitadas aos profissionais. Podemos dizer que a influência das últimas intervenções de Pio XII marcou uma linha epistemológica dirigida à

²⁵ A. PLÉ, *Une expérience dans le discernement des vocations*, in «Le Supplément» 12 (1959) 49, 183–202.

²⁶ Fundado em 1946 pelo religioso belga Gregorio Lemerrier na diocese de Cuernavaca (México), o mosteiro representa um desejo de retornar à estrita observância da Regra Beneditina. A convivência quotidiana o fez perceber que apenas a “Regra beneditina” não assegurava o equilíbrio mental de seus confrades. No ano de 1960, todos os frades do mosteiro foram submetidos à psicanálise, tarefa confiada aos psicanalistas Gustavo Quevedo e Frida Zmud (In: J. A. LITMANOVICH, *Un monasterio en psicoanálisis*, Mexico, Paradiso editores, 2015).

²⁷ A associação foi fundada por Albert Plé no ano de 1961. As atividades da associação eram de uma tríplice orientação: discernimento vocacional, ajuda aos religiosos em dificuldade e ensinando noções básicas de psicologia aos formadores.

²⁸ COMMISSIONIS CENTRALIS PRAEPARATORIAE CONCILII OECUMENICI VATICANI II, *Disceptatio - De Sacerdotibus Lapsis*, in *Acta et documenta Concilio oecumenico Vaticano II*, vol. II, pars IV, Città del Vaticano, Typis Polyglottis Vaticanis, 1962, 403–436.

²⁹ PAULO VI, *O Celibato Sacerdotal*, São Paulo, Paulinas, 1967.

³⁰ COMMISSIONIS CENTRALIS PRAEPARATORIAE CONCILII OECUMENICI VATICANI II, *Disceptatio - De Sacerdotibus Lapsis*.

³¹ *Ibid.*, 413.

³² *Ibid.*, 411.



psicologia do profundo e à psicologia junguiana. Essa linha teórica ocupava cada vez mais espaço na esfera católica, como já mencionamos neste artigo, apesar de as críticas terem sido mantidas.

O espaço teórico para o reconhecimento da psicologia no contexto formativo foi criado com a promulgação das constituições *Gaudium et Spes*, que trouxe uma visão mais pastoral que dogmática da Igreja, fortalecendo um novo humanismo no contexto eclesial. A antropologia cristã assume as contribuições das ciências humanas e sociais. No entanto, em quais ciências basear a nova antropologia? A discussão trazida à luz pelos padres conciliares nos faz entender esse processo. Quanto à psicologia, na intervenção do bispo de Cuernavaca, Sergio Mendez Arceo, propôs que a sociologia não é capaz de responder à questão fundamental da antropologia: “quem é o homem?”. Porém, a “revolução psicanalítica”, por ele comparada a revoluções de Copérnico e Darwin, desenvolve uma nova compreensão do homem. Na sua opinião, a Igreja deve ter um diálogo entre iguais e psicanálise³³.

5 - Compreensão psicológica no *Optatam Totius*

Deve-se notar que a *Commissione preparatoria del Concilio Vaticano II*, seguindo as indicações de João XXIII³⁴, elaborou um primeiro esquema sobre a formação chamado *De Sacrorum alumnis formandis*³⁵. Essa proposta foi modificada várias vezes antes de ser submetida à avaliação dos padres conciliares. Nesse primeiro esquema, encontramos a psicologia dispersa entre os diferentes números, dos quais indicamos o conteúdo: 1) antes de tudo, o reconhecimento da presença das “forças físicas e psíquicas dos estudantes (formandos) [que] não devem ser frustradas por nenhum freio”³⁶ causado por uma formação muito rígida; 2) na seleção de candidatos ao sacerdócio³⁷; 3) lemos na indicação de que os formadores³⁸ e os diretores espirituais³⁹ fossem treinados na arte psicológica e pedagógica; e finalmente, junto com a sociologia, 4) na preparação para o agir pastoral⁴⁰.

Esse esquema foi avaliado pela comissão preparatória que, em resumo, foi aceito com alguns sugerimentos na linha da ampliação do uso da psicologia, por exemplo, no contexto do celibato sacerdotal⁴¹. As críticas mais consistentes vieram contra a indicação de que os diretores espirituais fossem formados na disciplina psicológica, da qual foi sublinhado que a

³³ S. M. ARCEO, *Congregationes generales CXXXIII - CXXXVII*, in *Acta synodalia Sacrosancti Concilii oecumenici Vaticani II*, vol. IV, pars II, Città del Vaticano, Typis Polyglottis Vaticanis, 1977, 625–628: 626–627.

³⁴ CONGREGATIO GENERALIS CXXI, *Schema propositionum de Institutione Sacerdotali*, in *Acta Synodalia Sacrosancti Concilii oecumenici Vaticani II*, vol. III, pars VII, Città del Vaticano, Typis Polyglottis Vaticanis, 1975, 498–565: 502, n. 23.

³⁵ COMMISSIONIS CENTRALIS PRAEPARATORIAE CONCILII OECUMENICI VATICANI II, *Disceptatio - De sacrorum alumnis formandis*, in *Acta et documenta Concilio oecumenico Vaticano II*, vol. II, pars IV, Città del Vaticano, Typis Polyglottis Vaticanis, 1962, 24–110.

³⁶ *Ibid.*, n. 9, pag. 44.

³⁷ *Ibid.*, n. 8, pag. 27.

³⁸ *Ibid.*, n. 6, pag. 26.

³⁹ *Ibid.*, n. 3, pag. 32.

⁴⁰ *Ibid.*, n. 7, pag. 55.

⁴¹ *Ibid.*, 72.



natureza humana (campo da psicologia e psicoterapia) é contraditória ao sobrenatural (campo do espiritual)⁴².

O longo e detalhado esboço inicial *De sacrorum alumnis formandis* buscava responder às diferentes realidades formativas. Devido às inúmeras sugestões dos integrantes do Concílio, onde cada um queria adaptar o esquema a sua realidade eclesial, decidiu-se elaborar um outro esquema, mais simplificado e sucinto, intitulado *Institutione Sacerdotali*⁴³. Os detalhes de como o decreto seria aplicado no contexto formativo das dioceses, ficariam a cargo da *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*, que foi publicada no ano de 1970.

Nessa transição, o esquema manteve a psicologia em três números: o primeiro diz respeito ao desenvolvimento dos adolescentes, para os quais é sugerido que “responda às normas da sana psicologia”⁴⁴; um segundo diz respeito à seleção do candidato “que possui força física e psíquica, capaz de suportar (ou carregar) os encargos sacerdotais”⁴⁵; um terceiro finalmente contém uma referência à formação necessária para enfrentar os novos desafios do mundo moderno, “[os candidatos ao sacerdócio] peçam ajuda de outras disciplinas que são úteis à ação pastoral, como a pedagogia e a psicologia, de acordo com os métodos, conselhos e leis (avisos) da autoridade eclesiástica”⁴⁶.

Essa primeira redação foi modificada após consulta à comissão de especialistas e o texto final, levado à discussão dos padres conciliares, continha quatro indicações que se referiam à psicologia. A primeira manteve o conteúdo da formação em consonância com o desenvolvimento da personalidade do candidato⁴⁷; o segundo reafirmou a necessidade da avaliação psíquica da idoneidade dos candidatos⁴⁸; o terceiro manteve a psicologia como uma disciplina útil, de fato necessária, para a formação da vida espiritual⁴⁹; e o quarto dizia respeito à eficácia pastoral⁵⁰, que inicialmente se limitava a uma simples indicação genérica.

O esquema *De Institutione Sacerdotali* foi entregue aos padres conciliares que, por sua vez, apresentaram suas observações por escrito⁵¹, das quais algumas se referiam mais diretamente à relação entre psicologia e formação, especialmente em como a psicologia poderia ser aceita como uma disciplina de relevância no contexto formativo, apesar da preocupação em encontrar profissionais verdadeiramente competentes⁵². Não era difícil intuir que se os seminários já tivessem introduzido essa disciplina, muitos problemas e dificuldades poderiam ter sido evitados⁵³.

Nessa perspectiva, a intervenção do Bispo Fernando Azcarate de Andrade, dedicada ao argumento de que os instrumentos psicológicos podem realmente ser usados como uma ferramenta válida na seleção de candidatos, principalmente na intenção de prover o chamado “*aggiornamento*” formativo. A sua proposta foi: a) enfatizar a importância da

⁴² *Ibid.*, 101.

⁴³ CONGREGATIO GENERALIS CXXI, *Schema propositionum de Institutione Sacerdotali*, n. 13, pag. 503.

⁴⁴ *Ibid.*, n. 5 [28], pag. 518.

⁴⁵ *Ibid.*, n. 9 [29], pag. 519.

⁴⁶ *Ibid.*, n. 23e [35], pag. 525.

⁴⁷ *Ibid.*, n. 3 [12], pag. 540.

⁴⁸ *Ibid.*, n. 6 [14], pag. 541.

⁴⁹ *Ibid.*, n. 11 [16], pag. 543.

⁵⁰ *Ibid.*, n. 20 [19], pag. 548.

⁵¹ CONGREGATIONES GENERALES CXXIII-CXXVII, *Animadversiones Scripto Exhibitae quod schema propositum De Institutione Sacerdotali*, in *Acta synodalia sacrosanti Concilii oecumenici Vaticani II*, vol. III, pars VIII, Città del Vaticano, Typis Polyglottis Vaticanis, 1964, 239–359.

⁵² *Ibid.*, 262.

⁵³ *Ibid.*, 304.



idoneidade psíquica dos candidatos ao sacerdócio; b) prestar atenção às pesquisas na área da psicologia; c) o uso da psiquiatria para discernir as vocações⁵⁴.

De todo esse processo queremos sotolinear a mudança significativa vinda com “sana psicologia” e da pedagogia moderna, ou seja, a necessidade de monitorar a maturidade humana do candidato e avaliar bem sua personalidade, levando em consideração o desenvolvimento e a idade de cada um⁵⁵. Na versão final do decreto, não se fazia nenhuma menção ao adjetivo “humano” (obviamente referente à psicologia), um adjetivo que, em nossa opinião, é essencial para a formação de candidatos ao sacerdócio. Parece ter resultado às intervenções como a do Bispo Giovanni Colombo, que apontou duas lacunas: a primeira referia-se à falta de unidade entre as diversas dimensões da formação (espiritual, intelectual, pastoral e disciplinar); o segundo referia-se à formação humana que deveria ser aprendida de Cristo. Confiar esse elemento somente à psicologia arrisca formar pessoas anônimas em vez de formar a pessoa como um ser relacional, ou seja, no relacionamento com os outros: “na falta de formação humana: os seminaristas nem sempre atingem uma maturidade verdadeiramente, porque sua formação é excessivamente passiva, destinada quase exclusivamente a mantê-los afastados dos contágios do mundo e completamente distanciados da sociedade que eles devem um dia evangelizar”⁵⁶.

A modalidade epistemológica com a qual a psicologia entra no percurso da formativo dos candidatos ao sacerdócio é a formação humana⁵⁷, para capacitá-los a enfrentar os desafios do mundo moderno. No entanto, para chegar à conclusão de que a psicologia pode dar ajuda válida (realmente necessária), foi feita uma longa jornada. Podemos afirmar que a contribuição da psicologia no âmbito formativo é de acompanhar o desenvolvimento da personalidade dos futuros padres, para permitir-lhes de atingir a plena maturidade humana. De fato, a proposta do Decreto Conciliar *Optatam Totius* pressupõe: a) a necessidade de uma boa avaliação psíquica da adequação do candidato⁵⁸; b) um caminho psicológico-educativo⁵⁹; c) e a necessidade de ensinar a melhor forma de promover a ação apostólica⁶⁰.

Após um longo processo, o texto foi aprovado na VII sessão pública em 28 de outubro de 1965⁶¹.

6 - Conclusão

Com este artigo, buscamos identificar como a psicologia entrou no contexto formativo. Apesar da vasta literatura sobre o assunto, as várias linhas teóricas levam a uma fragmentação conceitual, embora o ponto de convergência permaneça sempre o mesmo, ou seja, a vocação à vida religiosa e sacerdotal. Concluimos que o ingresso da psicologia no contexto formativo representa um entre os intensos debates teológicos do século XX.

Esperamos que a presente pesquisa, predominantemente teórica, tenha oferecido uma contribuição útil para esclarecer como a psicologia pode complementar o contexto formativo. Este artigo quer ser um passo na redescoberta da relação entre psicologia e formação, principalmente no contexto que muitas vezes se reduz ao psicologismo da

⁵⁴ *Ibid.*, 247.

⁵⁵ LA CIVILTÀ CATTOLICA, *Il Concilio Vaticano II (Notiziario n. 64)*, in «Civiltà Cattolica» 116 (1965) 3, 354–393: 372.

⁵⁶ *Ibid.*, 358.

⁵⁷ CONCILIO ECUMÊNICO VATICANO II, *Decreto conciliar Optatam Totius*, 2017, n. 3.

⁵⁸ *Ibid.*, n. 6.

⁵⁹ *Ibid.*, n. 11.

⁶⁰ *Ibid.*, n. 20.

⁶¹ CONCILIO VATICANO II, *Decretum de Istitutione Sacerdotali*, in *Acta Synodalia Sacrosancti Concilii Oecumenici Vaticani II*, vol. IV, pars V voll., Città del Vaticano, Typis Polyglottis Vaticanis, 1978, 593–606.



formação ou ao espiritualismo da psicologia. Ambas podem colaborar com o processo de formação apenas quando são capazes de traçar relações de convergência e ressonância do conhecimento que identifica cada uma delas.

Bibliografia selecionada

Beirnaert Louis, *L'attitude chrétienne en psychothérapie: les discours du Saint-Père aux psychothérapeutes catholiques*, in «Études» 277 (1953), 356–364.

Concilio Ecumênico Vaticano II, *Decreto conciliar Optatam Totius*, Paulus, 1997.

Concilio Ecumênico Vaticano II, *Acta Synodalia Sacrosancti Concilii Oecumenici Vaticani II*, Città del Vaticano, Typis Polyglottis Vaticanis, 1961.

Dalbiez Ronald, *O método psicanalítico e a doutrina de Freud. Exposição*, vol. 1, Rio de Janeiro, Livraria Agir, 1947.

Desmazières Agnès, *La psychanalyse entre médiatisation et censure. La morale sexuelle de Marc Oraison en procès (1955-1966)*, in «Arch. Sci. Soc. Relig.» (2013) 163, 123–142.

Felici Pericle, *La psicoanalisi*, in «Bollettino Clero Romano» (1952), XXXIII, fasc. 4, Roma, 112–114.

Gaetani Francesco, *La psicoanalisi*, in «Civiltà Cattolica» (1924-5).

Jésus-Marie Bruno, *Journée de psychologie religieuse (17-19 avril 1936)*, in «Études Carmélitaines» II (1936) 20, 19–21.

Journet Charles, *Les voies nouvelles en psychologie religieuse*, in «Rev. Jeunes» (1920) 25, 125–154.

Litmanovich Juan Alberto, *Un monasterio en psicoanálisis*, Mexico, Paradiso editores, 2015.

L'Osservatore Romano, *A proposito di psicoanalisi*, in «Oss. Romano» (21 settembre 1952), anno XCII, n. 222, Roma, 1.

———, *Il quinto congresso internazionale di psicoterapia e di psicologia clinica al Palazzo della Cancelleria*, in «Oss. Romano» (13 aprile 1953), Roma.

Paulo VI, *O Celibato Sacerdotal*, São Paulo, Paulinas, 1967.

Pio XI, *Divini illius magistri: sobre a educação cristã da juventude*, Petrópolis, Vozes, 1950.

Pio XII, *Discorso ai partecipanti al Congresso Internazionale di istopatologia del sistema nervoso - I limiti morali dei metodi medici di indagine e di cura*, in *Discorsi e radiomessaggi di Sua Santità Pio XII*, vol. XIV, Città del Vaticano, Tipografia Poliglotta Vaticana, 1952, 319–330.

———, *Discorso di Sua Santità Pio XII ai partecipante nel XII congresso internazionale di psicologia applicata*, in *Discorsi e radiomessaggi di Sua Santità Pio XII*, vol. XX, Città del Vaticano, Tipografia Poliglotta Vaticana, 1958, 65–82.

———, *Discorso di Sua Santità Pio XII ai partecipanti al X congresso nazionale della società italiana di chirurgia plastica*, in *Discorsi e radiomessaggi di Sua Santità Pio XII*, vol. XX, Città del Vaticano, Tipografia Poliglotta Vaticana, 1958, 415–427.



———, *L'alto insegnamento ai congressisti di psicoterapia e di psicologia clinica*, in *Discorsi e radiomessaggi di Sua Santità Pio XII*, vol. XV, Città del Vaticano, Tipografia Poliglotta Vaticana, 1953, 67–76.

Plé Albert, *Une expérience dans le discernement des vocations*, in «Le Supplément» 12 (1959) 49, 183–202.

Quaedam admonitiones ad theoriam et praxim spectantes psychoneurosi laborantium, in «Analecta Van Het Aartsbisdom» 29 (1956), 166–167.

Sacra Congregatio S. Officii, *Drecretum proscripto libri*, in «AAS 47» XXII (1955) 1, 46.

———, *Monitum*, in «AAS 48» XXIII (1956) 2, 95.

———, *Monitum*, in «AAS 53» III (1961) 10–11, 571.

